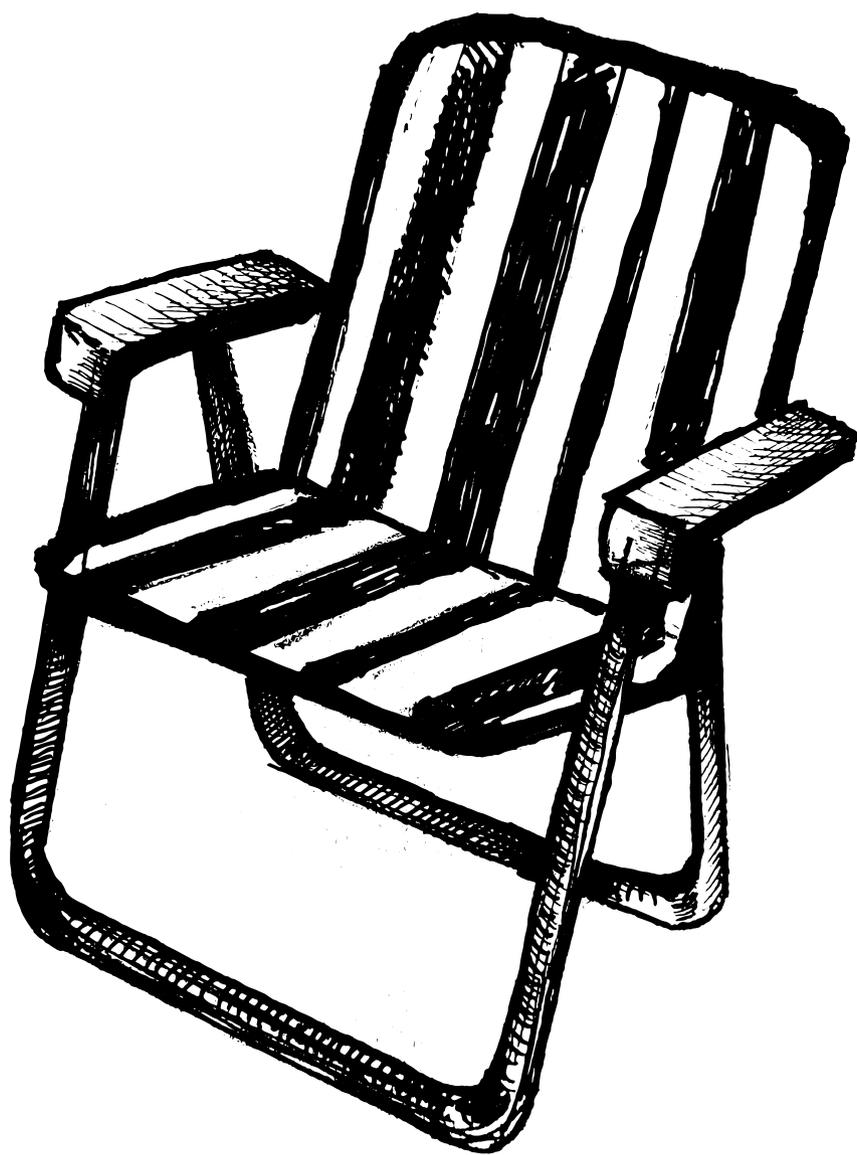
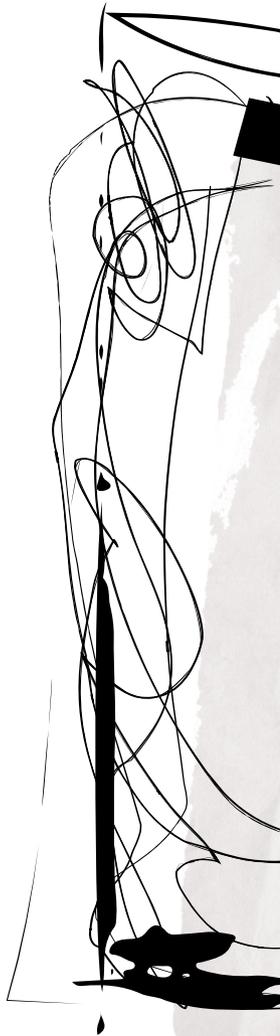


RESENHA



Aprendendo com as cidades africanas

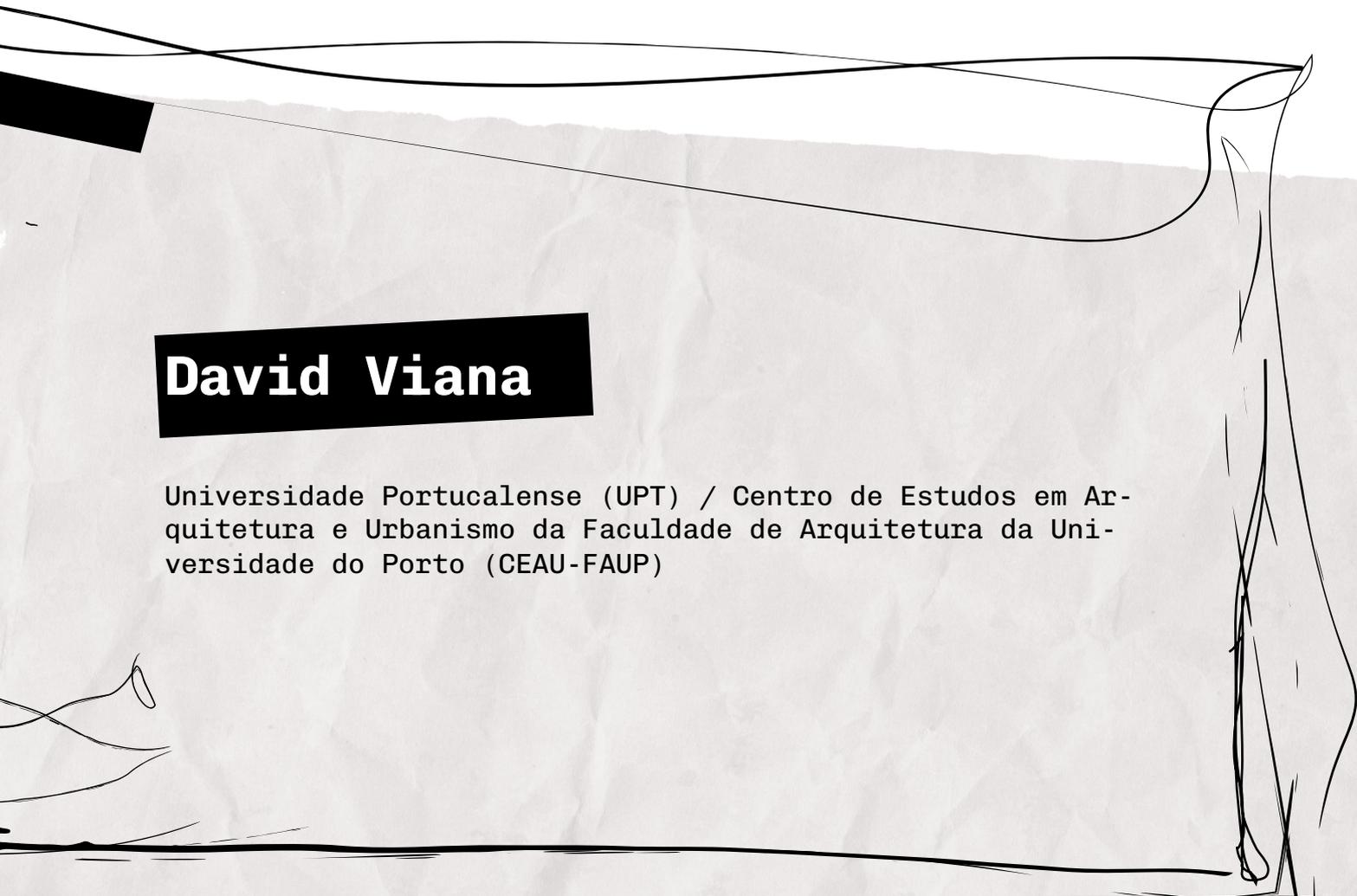
**a partir de “The history of african
cities south of the Sahara: from
the origins to colonization”,
de Catherine Coquery-Vidrovitch¹**

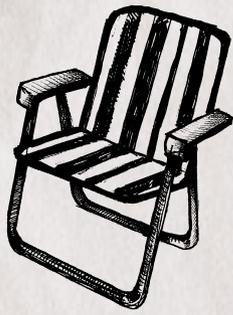




David Viana

Universidade Portucalense (UPT) / Centro de Estudos em Ar-
quitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Uni-
versidade do Porto (CEAU-FAUP)





Inicialmente publicado nos primeiros anos da década de 1990, no idioma francês, com o título *Histoire des Villes d'Afrique Noire: Des Origines à la Colonisation* (Éditions Albin Michel S.A.), este livro aborda a problemática das cidades africanas e respetiva diversidade a partir de contextos geográficos e cronológicos previamente definidos e articulados, seguindo um fio condutor que os organiza desde as cidades anciais até o século XIX. Este percurso está patente na organização do índice, composto por seis capítulos e conclusão. Antecede o primeiro capítulo o prefácio à edição americana e a introdução à edição francesa (1994). Cada capítulo está estruturado em três partes, com exceção do capítulo 5 (com duas partes) e da secção relativa à conclusão (com quatro partes).

O capítulo 1 tem designação genérica, referindo-se às cidades na África. Questiona a urbanização africana, procura avançar na definição relativa às cidades africanas pré-coloniais e perspetiva estabelecer a sua periodização. O segundo capítulo aborda cidades antigas, focando não só a África Oriental e o património Meroe, como o Sudão Ocidental e o delta interior do Níger. O terceiro capítulo refere-se às cidades Banto, sendo dado destaque quer ao Zimbábue e a ruínas na África Austral, quer a capitais de reinos na África Central e na África Meridional. O capítulo 4 discorre sobre o Islão e cidades africanas, desde as cidades antigas até as cidades islamizadas. É dada uma maior atenção ao contexto da África Ocidental e das cidades Swahili. O capítulo 5 é sobre o designado período Atlântico, desde o século XVI até o XVIII, demarcando-se a época anterior ao tráfico de escravos do período correspondente ao comércio escravagista. Por fim, o sexto capítulo coloca a tónica na revolução urbana do século XIX, aludindo ao papel dos portos marítimos e dos mercados na África Oriental, às transformações urbanas na África Sudanesa e à transição colonial verificada de Norte a Sul do continente. A secção sobre a conclusão do livro sublinha a importância da economia, dos diferentes tipos de cidades e da relação entre urbanização e colonização, e cultura e cidades.

Há uma questão que importa dar nota, colocada imediatamente no início do primeiro capítulo, que indaga se a temática principal é a história africana ou se da respetiva história urbana. Reforçando que se trata de ambas, chama-se, no entanto, a atenção para o enquadramento da mesma no contexto africano, dada a inexistência de uma convergência evidente quanto a aspetos sociais, culturais, políticos, entre outros – mesmo no que diz respeito a conceitos como cidade e civilização, por exemplo. Adicionalmente, no livro é colocada a questão de se saber até que ponto o enquadramento e legado geocultural possibilitam, atualmente, a distinção entre cidades africanas e cidades do designado terceiro-mundo em geral. Para avançar na resposta, é referenciado René de Maximy, quando foca a diferença nas cidades que foram e permanecem habitadas por africanos, isto é, por indivíduos, grupos e pessoas que interagem entre si e vivenciam os espaços urbanos a partir de um património cultural e histórico específico.

Os conteúdos do livro são desenvolvidos ao longo da narrativa nele explanada tendo em linha de conta as devidas especificidades contextuais quanto a noções como espaço, sociedade, economia, coletivo. Outras diferenças são igualmente equacionadas, como os diferentes sistemas ecológicos locais, as formas de organização entre indivíduos e comunidades, os modos de produção e de comércio/troca de produtos e recursos, para além das particularidades etnográficas, antropológicas e de comportamento associadas às diversas geografias africanas implicadas no conteúdo do livro. Este cuidado afasta-o de generalizações potencialmente redutoras da dimensão e diversidade de problemáticas inerentes aos múltiplos processos de urbanização em África, os quais colocam as respetivas cidades em estado de evolução e transformação constante no respeitante às correspondentes dinâmicas socioespaciais. Neste sentido, é frisado no livro que as relações entre a população urbana e o ambiente construído são estruturadas de acordo com expectativas sociais e políticas próprias, para além de condicionalismos ideológicos e tecnológicos.

Outro tema relevante para a abordagem apresentada no livro prende-se com a diferença que é estabelecida entre a urbanização em África e no Ocidente. Distinguindo os distintos tempos e variáveis entre ambas, fica claro que os processos que despoletaram uma e outra têm contornos próprios – principalmente, as transformações de produção e migratórias que decorreram da Revolução Industrial na Europa (no caso da urbanização ocidental) e as alterações estruturais (organização da sociedade, formas de vida e de produção, código de leis e trabalho, sistema político, por exemplo)

introduzidas por nações colonizadoras ocidentais em largas regiões do continente africano, que deram espaço ao que é designado no livro por "revolução urbana". No entanto, ainda de acordo com o livro, não terá sido a primeira, nem tão pouco a única, já que é possível identificar períodos pré-coloniais com lógicas de urbanização explícitas associadas e, por outro lado, essencialmente a partir do último quartel do século XX (anos de 1960/70 em diante) há evidências de uma outra revolução urbana a acontecer em África, com o crescente protagonismo de cidades africanas no âmbito da urbanização do que é chamado de Sul Global.

Sobre urbanização e colonização, no livro considera-se que a cidade colonial não deve ser considerada uma exceção histórica, dado entender-se que qualquer cidade, independentemente da sua localização, sociedade e momento na história conheceu contextos de colonização em que, devido às diferentes culturas presentes ou em passagem e aos distintos modos de vida, se consubstanciaram transformações e contrastes socioespaciais que foram espelhando os vários domínios que penderam na respetiva configuração e organização (desde o poder mais benevolente até ao mais tirano). Alocar este tipo de questões apenas sob o enquadramento da colonização afigura-se redutor para o conhecimento de qualquer cidade, e das africanas também, pelo que no livro se advoga um olhar ajustado aos diversos períodos da história das cidades africanas, sem exagerar a relevância de um qualquer deles (isto, sem retirar a devida importância ao período colonial das cidades africanas – apenas colocando-o em perspetiva).

Para além do comentado nos parágrafos anteriores, destaca-se igualmente a ideia de que as cidades africanas, mais do que corresponderem a um tipo específico de cidade, são cidades híbridas – resultantes de uma cronologia (por vezes) muito longa e com uma grande profusão e contraste de atores, condicionantes e fatores internos e externos que moldam a respetiva história urbana. Assim, mais do que uma tipologia de cidade africana, o que é defendido no livro é uma cronologia da urbanização em África. Mais do que modelos, longos períodos de estabilização dos mesmos e fases de transição/sobreposição entre eles, a cronologia sugerida para enquadrar processos de urbanização em África acolhe a complexidade das cidades africanas quanto aos respetivos assentamentos, às formas de ocupação do território e rotas (de comércio, por exemplo) associadas, aos modos de transformação urbana, tipos de vida, produção, comércio e serviços proporcionados e às diferentes orientações político-religiosas-ideológicas das administrações (locais, coloniais, por exemplo) de cada cidade – logo, se independentes ou subjugadas a poderes internacionais.

Sobre urbanização e colonialismo, é defendido no livro que na aurora do imperialismo colonial, a urbanização em África tinha já as fundações da sua transformação no sentido da modernização das cidades. Neste âmbito, cabe sublinhar o contexto desta transformação, resultante da dialética entre práticas consolidadas pela experiência do saber-fazer vernáculo – onde a noção da relevância do território e seus recursos tinha papel relevante – e o conhecimento que a dimensão da urbanidade sobre o habitat confere-lhe qualidades próprias do coletivo (independentemente dos diversos entendimentos que podem ser associados a esta palavra nos múltiplos quadros culturais na qual possa estar a ser equacionada). No caso concreto da "cidade africana", urbanização e apropriação espacial estabelecem uma correlação intrínseca que molda a referida modernização no sentido dos espaços que são habitados mas que também habitam quem os habita.

Perante o exposto, consubstancia-se a reflexão acerca da validade da expressão "cidade africana". É a partir desta que as generalizações que o livro avança sobre a urbanização em África assentam no reconhecimento que a idade e a complexidade da história urbana em África exigem o conhecimento dos seus muitos tempos de formação e evolução, de modo que haja uma ampla e plural perceção do que conforma a configuração das mesmas. Neste sentido, a verificação das dinâmicas socioculturais e político-económicas de diversas proveniências com impacto na história urbana de África levou em conta contextos locais, islâmicos, mediterrâneos e asiáticos, não deixando de mencionar a convergência do contacto entre o Índico e o Atlântico. O livro visa a análise detalhada da sucessão, acumulação e interpretação destes contributos (muitas vezes, díspares entre si). Este legado confere ao processo da urbanização africana uma riqueza singular e muitas vezes (ainda) negligenciada e pouco reconhecida em narrativas redutoras sobre as cidades africanas. O livro procura ultrapassar esta situação abordando o fenómeno urbano em África através de uma lente ao mesmo tempo panorâmica e focada na especificidade de cada caso abordado. Neste trabalho, o livro é também meritório por correlacionar população urbana, ambiente natural e construído, classes sociais e âmbitos políticos.

A urbanização em África, mais do que linear e escoreita, se apresenta interligada ao que de disruptivo e de entropia tem acontecido naquele continente. O livro propõe então uma leitura desdobrada entre a história de África e a história urbana de África, como indicado no início desta resenha. Uma e outra se alimentam, compaginando uma leitura plural das cidades africanas e do que as configura, do que as organiza e do que

lhes confere pulso e dá vida e sentido às suas vias, edifícios, gentes e hábitos. Saber ver a singularidade de cada cidade africana, saber ler a pauta dos elementos-chave que as estruturam e definem e compreender o que as move e o que movem implica (re)conhecer na primeira (na história de África) a segunda (a história urbana de África) e, simultaneamente, apreendê-la de modo não adjetivado e sem juízos pré-concebidos à partida. O legado das cidades africanas requer a utilização das "lentes" mais adequadas para o seu entendimento, obrigando quem sobre elas decide a se colocar numa posição de aprendizagem também, mais do que deterministicamente instrutora. A este propósito, da leitura do livro, infere-se que quanto mais se aprender com as cidades africanas mais se saberá sobre os desafios do viver urbano coletivo.

Em síntese, mais do que rótulos – para se compreender a história das cidades africanas – este livro advoga ser necessário perceber e saber ler como os africanos têm reinventado as suas cidades: "[...] *it is not the city that makes the African but the African who makes the city*" (COQUERY-VIDROVITCH, 2008, p. 325). Esta reinvenção desafia categorias simplistas estabelecidas por "peritos" entre o "formal" e o "informal", o "campo" e a "cidade", o "moderno" e o "tradicional", o "urbano" e o "periurbano", entre a "evolução" urbana e a "involução" urbana, o paternalismo e o assistencialismo. Estes pares dicotómicos não cabem na leitura deste livro, porque míopes quanto ao espectro de contextos a serem perspetivados. Pelo contrário, a combinação dos múltiplos aspetos que contribuem para a consubstanciação das cidades africanas enquanto sistemas plurais e interatuantes, mesmo quando desestruturados e/ou não apoiados, demanda o correto enquadramento para cada um deles de forma a que fique explícita a inovação presente neles.

A capacidade inventiva dos africanos nos modos como vivem as suas cidades é uma realidade que pode dar indicações sobre como ultrapassar um dos efeitos mais calamitosos do período colonial nas cidades africanas: a confrontação entre dominantes e dependentes. Não obstante, de acordo com o referido no livro, este tipo de situação aconteceu em outros períodos da história da cidade africana – por exemplo, quando dos primeiros contactos entre africanos e árabes e o Islão. Desse modo, ter em linha de conta os ciclos da história das cidades africanas é crucial para saber qual o valor a dar ao que hoje se encontra nelas. Ter noção da intensidade dos respetivos fenómenos em cada um desses ciclos também se revela importante para o efeito. Conforme consta no livro, a história urbana de África em uma densidade é ainda pouco compreendida e justamente integrada nas principais narrativas dominantes sobre as cidades africanas. Assim se justifica a relevância deste livro.

Destaca-se, da leitura do livro, a relevância e o papel da criatividade que os africanos empregam no viver urbano coletivo, quotidianamente renovada, mediando dificuldades e oportunidades, o popular e a inovação, a tradição e o progresso. Neste sentido, o livro constitui uma referência no modo como aprender a história das cidades africanas e, ao fazê-lo, como cada um de nós, leitores, aprendemos sobre a urbanização em geral – seu passado, presente e futuro.

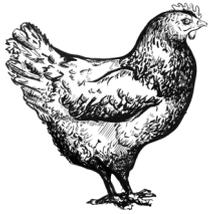
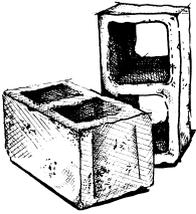
Referência

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. **The History of African Cities South of the Sahara: From the Origins to Colonization**. 3. ed. Princeton: Markus Wiener Publishers, 2008.

Notas

1 (Nota dos editores [N.E.]): Esta resenha foi escrita no português de Portugal. Os editores decidiram acolher neste dossiê as múltiplas grafias da língua portuguesa, conforme é escrita em cada um dos países lusófonos.

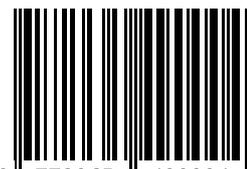




LAJE

Laje é uma publicação semestral do iDALE! – Decolonizar a América Latina e seus Espaços, grupo de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. Dedicada-se ao giro decolonial latino-americano, às epistemologias do sul e à descolonização do conhecimento, priorizando uma produção transdisciplinar em interseção com diferentes dimensões do urbanismo, da paisagem e da arquitetura.

ISSN: 2965-4904



9 772965 490004

ISSN: 2965-4904